

Variação e mudança linguística: a emergência do artigo definido na língua latina

Linguistic variation and change: the emergence of definite article in Latin language

Maria de Lurdes Nazário
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Faz-se aqui uma revisão teórica sobre a emergência do artigo definido no latim vulgar, sistematizando-se como uma nova categoria linguística e tendo o seu uso difundido nas línguas românicas. O artigo definido surge no latim vulgar após uma mudança linguística ocorrida no sistema pronominal latino com o demonstrativo *ille*. A perspectiva assumida neste trabalho é de que a língua está em constante evolução, mantendo estágios de variação, podendo ocorrer posteriormente uma mudança linguística (LABOV, 1972). Objetiva-se com esse enfoque evidenciar a heterogeneidade inerente das línguas naturais, sendo fundamental compreender que todo e qualquer sistema linguístico é estruturado, funcional, social e histórico (LABOV, 1982; FARACO, 2005).

Palavras-chave: Variação linguística. Mudança linguística. Artigo definido.

Abstract: This paper presents a theoretical review on the emergence of definite article in Vulgar Latin, systematizing it as a new linguistic category, and showing its use widespread in Romance languages. The definite article appears in the Vulgar Latin after language change occurred in Latin pronominal system referred to the demonstrative pronoun *ille*. In this text, the perspective is that language is in constant flux through time, with stages of variation, and after some time a language change may become widely accepted (LABOV, 1972). From this approach, the main objective is to make clear the heterogeneity of natural languages. It is also fundamental to understand that every and any linguistic system has structured, functional, social and historical aspects (LABOV, 1982; FARACO, 2005).

Keywords: Linguistic variation. Linguistic change. Definite article.

Introdução

O presente texto faz uma revisão teórica sobre o surgimento do artigo definido na língua latina com o objetivo de evidenciar os processos de variação e mudança linguística tão discutidos nas faculdades de Letras e mal compreendidos na sociedade em geral. A perspectiva da pesquisa se deu por considerar que o resgate dos processos sócio-históricos dos fenômenos linguísticos é fundamental para a compreensão da sincronia da língua.

O artigo definido surge no latim vulgar após uma mudança linguística ocorrida no sistema pronominal latino com o demonstrativo *ille*. Ressalta-se aqui tal processo de mudança a partir de autores como Coutinho (1971), Silva Neto (1979), Câmara Jr. (1985), Tarallo (1990), entre outros, adotando a perspectiva dos trabalhos da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista.

A variação é um processo inerente a toda língua natural que *pode levar ou não a uma mudança linguística*. Segundo Labov (1972), o processo de variação e mudança pode ser explicado através de estágios de variação. Num primeiro estágio, surge a variação entre duas entidades linguísticas; no segundo estágio, essa variação pode ser imitada e difundida de modo que formas novas convivam com formas antigas da língua (por exemplo, *meu pai x o meu pai; eu o vi x eu vi ele; nós x a gente*); num terceiro e último estágio, uma das duas formas desaparece, concluindo a regularidade do sistema.

Nessa abordagem linguística, ao contrário do que pregam o estruturalismo e o gerativismo, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional na língua que serve a uma comunidade de fala. Essa heterogeneidade tem funções específicas tanto na estrutura linguística como na social, representando questões sócio-culturais de cada grupo de falantes (WLH, 1968; LABOV, 1982).

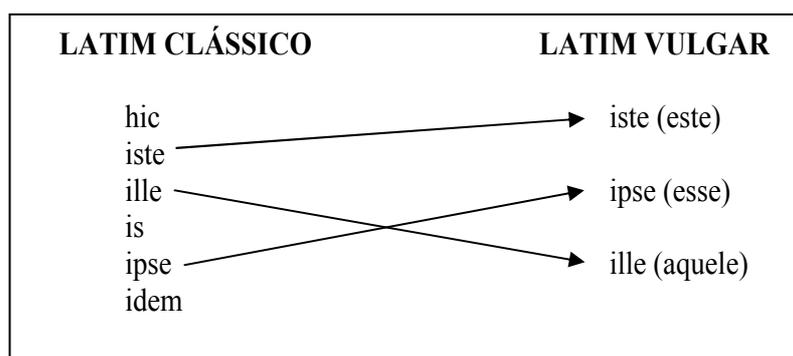
Espera-se, então, demonstrar que a constituição sincrônica de um sistema linguístico se faz com a contínua transformação diacrônica. Ou seja, os estágios pelos quais passam uma língua configuram o seu quadro atual e possibilitam pensar sobre o seu desenvolvimento futuro, evidenciando a variabilidade inerente das línguas naturais.

1 Configuração do sistema pronominal demonstrativo latino

De acordo com Silva Neto (1979, p. 235), o sistema demonstrativo latino era constituído por: *hic* (1ª pessoa), *iste* (2ª), *ille* (3ª), *is* (empregado para todas as pessoas) e *ipse* (como marca de identidade). Já Maurer Jr. (1959, p. 108) acrescenta a essa lista *idem*. Câmara Jr., em conformidade com Silva Neto, diz que esse sistema era constituído por:

hic, para o que estava próximo do falante, *iste*, para o que estava próximo do ouvinte e uma série de outros pronomes para o que estava além dessas duas áreas mostrativas. A série era primariamente constituída por três pronomes distintos: *ille*, de valor indicativo preciso; *is*, de indicação vaga; *ipse*, que reiterava uma indicação anterior, à maneira de ‘o mesmo’, em português, ou ‘the same’ em inglês. (CÂMARA JR., 1985, p. 90; grifos do autor).

As três formas *is*, *ipse* e *idem* eram pronomes pessoais e determinativos que exerciam uma função delimitadora e identificadora, mas que ocasionalmente assumiam também o valor de demonstrativo (LAUSBERG, 1973, p. 202); enquanto que *hic*, *iste* e *ille* eram os genuinamente pronomes demonstrativos do latim. Desses seis itens lexicais, o latim vulgar¹ conservou somente três como demonstrativos: *iste*, *ipse* e *ille*. No quadro abaixo, visualiza-se melhor tal mudança linguística:



Quadro 1 – Mudança no sistema pronominal demonstrativo latino.

Configurou-se, então, esse novo sistema pronominal com o *hic*, *is* e *idem* desaparecidos de seus usos habituais ou presentes em expressões cristalizadas. Esse processo de mudança pode ser melhor compreendido a partir da exposição abaixo.

Em função da proximidade fonética entre os pronomes *is* e *hic*, havia flutuações constantes no uso desses itens, e já na fase românica² nenhum deles perdurou como formas pronominais vivas. Isso ocorreu provavelmente pelo mútuo enfraquecimento semântico. Posteriormente, o *iste* passou a exercer a função de *hic* na 1ª pessoa (LAUSBERG, 1973, p. 202-203; 204). Há o registro de *is* e *hic*, porém, em algumas expressões petrificadas, como *id ipsum*, *hoc anno* (MAURER JR., 1959, p. 108). Em Silva Neto (1976, p. 212), lê-se que *hic* assumiu função adverbial, tendo depois se cristalizado em *hac hora*, *hoc anno*. Sobre o *idem*, este autor registra que

¹ O latim vulgar preponderou do século II ao V d.C. (SILVA NETO, 1976, p. 37).

² A partir do século V, com a invasão dos bárbaros e com a ruína de Roma, dá-se início ao período do romance, fase embrionária das línguas românicas (SILVA NETO, 1976, p. 41).

essa forma foi substituída por expressões enfáticas com base em *ipse*, a saber, **metipse* e **metipsimus*, enquanto Lausberg (1973, p. 202) afirma que *idem* se perdeu totalmente no latim.

Nesse processo de mudança, segundo Lausberg (1973, p. 203), ao se perder o *is*, o *ille* assumiu sua função. O *ille* passou a ser usado como anafórico no lugar de *is*, facilitando seu emprego como pronome pessoal e artigo definido (MAURER JR., 1959, p. 110). O *ipse* manteve-se com o valor primitivo e com o valor de *idem* na forma reforçada *mitipsimus*. Esse pronome também era empregado como pronome pessoal e artigo definido (MAURER JR., 1959, p. 110). Segundo Silva Neto (1979, p. 212), o *ipse* foi conservado em português precisamente no lugar de *iste* (2ª pessoa no latim clássico).

Nesse caso, observando o sistema pronominal do latim vulgar acima, vê-se que o *iste* assumiu a função de *hic* na 1ª pessoa, o *ipse*, a função de *iste* na 2ª pessoa e *ille* se manteve na função de 3ª pessoa.

Enfim, a língua vulgar criou um novo sistema com três pessoas, que foi difundido por quase toda România. De um modo geral, o latim vulgar usou essa tríplice oposição (proximidade da pessoa que fala, proximidade da pessoa com quem se fala ou coisa pouco distante e distância remota de/do quem/que se fala). Entretanto registra-se desde cedo uma tendência em conservar somente a oposição de objeto próximo e objeto remoto, tendo em *iste* e *ille*, dois demonstrativos com sentido mais definido e persistente, e o *ipse* com um sentido um pouco mais vago, e menos rigorosamente ligado à 2ª pessoa (MAURER JR., 1959, p. 108-110).

2 A emergência do artigo definido no latim vulgar

Conforme já visto acima, *iste* e *ille* tinham o sentido mais definido e persistente que *ipse*. Contudo com o tempo houve um esvaziamento do sentido demonstrativo de *ille*, que passou a ser usado com sentido de definitude, constituindo-se artigo (MAURER JR., 1959, p. 112). Silvio Elia (1979, p. 210) também afirma que *ipse* e *ille* sofreram um processo de esvaziamento semântico demonstrativo.

Lausberg (1973, p. 208-209) explica que o artigo definido tem em sua origem a função de se referir a um indivíduo ausente, mas conhecido pelo ouvinte, por já ter sido mencionado anteriormente. Em consequência dessa função identificadora, o autor explica que o pronome identificador *ipse* estava apto para ser empregado como artigo definido, tendo sido, conforme Maurer Jr. (1959, p. 112-113), difundido nas regiões da Sardenha e em alguns pontos da Catalunha, da Gasconha e nas ilhas Baleares. No entanto, para Lausberg, a função demonstrativa do artigo definido fez do pronome *ille* o mais apropriado para ser empregado como artigo, pois fazia alusão a um indivíduo que estava ausente. Esta foi a forma mais usada em quase toda România.

Iordan e Manoliu (1972, p. 246) também afirmam que o artigo definido resguarda uma semelhança com o demonstrativo *ille* ao se referir a um indivíduo conhecido, pelo menos, pelo falante. E Said Ali expõe que essa

função demonstrativa [do artigo] pode perceber-se ainda em dizeres nos quais, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou um costume o antepor, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocábulo *o*, *a*, tornando-se seu companheiro quase inseparável. Desde então passou o demonstrativo a ser artigo. (1965, p. 123).

Enfim, o pesquisador em seu texto evidencia o processo de mudança ocorrido na língua latina, com o surgimento de uma nova categoria linguística a partir de um novo uso para o demonstrativo *ille*.

Mattos e Silva (2001, p. 23) afirma que a origem do artigo definido se deu a partir da forma acusativa latina do *ille*, tendo se sedimentado no português como determinante do substantivo, satisfazendo a necessidade de especificação dos seres, como também do desejo de clareza e especificidade próprio do latim vulgar e das línguas românicas. Conforme a estudiosa,

o artigo não era próprio ao latim clássico; no latim corrente do Império Romano se especializou um dos demonstrativos do complexo sistema de demonstrativos latinos, *ille*, na forma do acusativo, como o determinador por excelência dos nomes substantivos, além de marcador básico do gênero. (MATTOS E SILVA, 2001, p. 23).

Câmara Jr. (1985, p. 104) enfatiza que o demonstrativo *ille* passou a ser usado, na sua forma acusativa, sem a intenção de localização no espaço, função genuinamente demonstrativa dêitica, passando a ser empregado diante de um nome para opor o indivíduo definidamente visualizado a qualquer outro da mesma espécie (*proferte mihi stolam illam primam = trazei-me a primeira estola*). Entretanto, para o linguista, o artigo continua a ser uma partícula pronominal demonstrativa, pois “assinála o caráter definido de uma posição num campo mostrativo ideal, (*sic*) que participam o falante e o ouvinte”. Assim, no exemplo acima, *estola* está nitidamente situada na memória em comum dos dois interlocutores - no conhecimento de mundo compartilhado entre eles.

Quanto à mudança linguística formal ocorrida com tal demonstrativo, Tarallo (1990, p. 137) afirma que se deu nos derradeiros momentos do latim falado, já numa fase pré-romano, passando pelo seguinte processo de evolução a partir de sua forma acusativa:

Masculino singular: *illu > elo > lo > o*

Feminino singular: *illa > ela > la > a*

Masculino plural: *illos > elos > los > os*

Feminino plural: *illas > elas > las > as* (1990, p. 137).

Especificamente para se chegar às formas *o, a, os, as*, Leite de Vasconcelos (1959, p. 55), Coutinho (1971, p. 251) e Tarallo (1990, p. 137) postulam que ocorreram os seguintes fenômenos:

1º - o /i/ passou para /e/;

2º - as consoantes duplas foram simplificadas (*illu > elo; illa > ela; illos > elos; illas > elas*);

3º - o /e/ inicial caiu logo depois em função do artigo estar em posição proclítica: *elos campos > los campos*;

4º - o /l/, agora inicial, quando em posição intervocálica (*de los campos*), caiu desta posição devido “à evolução fonética normal das consoantes, durante a passagem do latim ao português” (TARALLO, 1990, p. 137).

Quanto a essa transformação, Maurer Jr. (1959, p. 113) diz que o artigo definido, no latim vulgar, já “devia perder geralmente a sílaba inicial em consequência de sua posição proclítica, como revelam quase uniformemente as línguas românicas. Este fato explica a queda do *l* no português, por um fenômeno de fonética sintática”. Câmara Jr. (1985, p. 98; grifos do autor) também registra que as formas *o, a, os, as* se originam diretamente do “acusativo latino de *ille*, em suas quatro formas de masculino, feminino, singular e plural (*illum, illam, illos, illas*), submetidas a um enfraquecimento articulatorio gradual, que atingiu a vogal inicial e a consoante do radical”. Essas afirmações estão de acordo com o processo de mudança descrito por Leite Vasconcelos, Coutinho e Tarallo.

Coutinho (1971, p. 251) explica que, em outras línguas românicas, observa-se a conservação do /l/, o que, para ele, comprova a teoria da mudança linguística apresentada acima: francês (*le, la*), castelhano (*el, lo, la*), italiano (*il, lo, la*), além do fato de que, na fase arcaica do português³, o artigo aparecia sob a forma de *lo, la*. Cunha e Cintra (2001, p. 206; grifos dos autores) também afirmam que “no português antigo havia as formas *lo (la, los, las)* e *el* do artigo definido”. Mattos e Silva (2001, p. 23; grifos da autora) aponta, a partir de Maia (1986, p. 645-651), que “A forma *lo, los; la, las* aparece em documentos da área galega e, eventualmente, no

³ Português arcaico: do século XII ao XVI. Português moderno: do século XVI ao XX (SILVA NETO, 1976, p. 85).

Cancioneiro Medieval, em cantigas de amigo”. No fragmento de uma cantiga de amigo de Joam Soares Coelho o artigo definido se atualiza através do item *la*, determinando o substantivo *fonte*: *Fui eu, madre, lavar meus cabelos / a la fonte e paguei-m’eu d’elos / e de mi, louçãã*. Mattos e Silva ainda explica que as formas *o*, *a*, *os*, *as* começam a aparecer já nos primeiros textos em português. Em relação a isso, Said Ali (1965, p. 123) afirma que o artigo “aparece por tôda (*sic*) a parte, desde a mais remota fase da língua portuguesa, [...] já sem vestígios do radical, inteiramente gasto, e reduzido à terminação átona *o*, *a* (escrito às vêzes (*sic*) *ho*, *ha*)”.

Desse modo, percebe-se a evolução diacrônica dessa nova categoria linguística que se firmou no latim e se difundiu nas línguas românicas. Evidentemente, tal fenômeno não se deu bruscamente, uma vez que a mudança linguística é um processo gradual e lento, que se configura em seus estágios de variação, conforme é cientificamente descrito e analisado pelas pesquisas em Linguística Histórica e Sociolinguística Variacionista.

Conforme Tarallo (1990, p. 137-139), essa nova categoria configurou-se como um ganho morfológico no latim vulgar, sendo uma inovação linguística que, com o tempo, sistematizou-se na língua falada, encaixando-se ao sistema linguístico do latim vulgar. Tarallo considera esse ganho como morfológico não-encaixado ao sistema linguístico, o que, para ele, corresponde às mudanças que ocorrem na língua como reflexo das diferenças entre as modalidades de uso linguístico, escrita *versus* fala. O artigo surgiu na língua falada, tendo demorado a chegar à escrita. Enquanto a escrita, ora ou outra, já registrava o pronome demonstrativo *ille* com a função de artigo definido, na fala essa função já estava completamente preenchida. Nas palavras do linguista brasileiro,

O latim clássico possuía um sistema para a indeterminação e a indefinidade dos substantivos que apareciam, então, formalmente marcados. Por exclusão, os substantivos sem marca formal determinativa poderiam ser interpretados como definidos. No português moderno, entretanto, a falta da marca formal também garante uma leitura, mas a da indefinidade. Nesse sentido, dissemos que a aquisição de artigos pelas línguas românicas constitui uma instanciação de ganhos morfológicos *não-encaixados*, pois a função existia no latim clássico sem ser formalmente marcada: as línguas românicas implementaram assim uma nova forma para retomar uma antiga função. (TARALLO, 1990, p. 138).

Com essa descrição da emergência do artigo definido como uma nova categoria na língua latina, mas com uma antiga função, observa-se com mais clareza que a língua se movimenta, configurando-se como um sistema em constante mudança. E conforme será visto a seguir, alguns estudiosos têm levantado as causas para algumas mudanças no sistema latino que, entre outras coisas, favoreceram a emergência do artigo definido do demonstrativo *ille*.

3 Explicações linguísticas e sociais para o surgimento do artigo definido do demonstrativo *ille*

Lausberg (1973, p. 210), por exemplo, afirma que o emprego do *ipse* e *ille* era já próprio do “românico común”, podendo explicar tal uso muito provavelmente pelo influxo do adstrato grego. Iordan e Manoliu (1972, p. 245) também fazem alusão ao fato de alguns linguistas sustentarem o surgimento do artigo no latim pela influência da língua grega através das traduções do grego para o latim. Os tradutores sentiam a necessidade de colocar também o artigo grego tão frequente nos textos e satisfaziam essa necessidade recorrendo ao demonstrativo latino que estava semanticamente muito próximo do artigo - o *ille*. No entanto, esses estudiosos não apontam nenhum dos linguistas que defende essa tese.

Pode-se, no entanto, conhecendo a história da formação das sociedades romana e grega, pensar que os contatos sociais mantidos pelos seus falantes tenham favorecido a emergência do artigo no latim, uma vez que o grego possuía a categoria artigo definido. Entretanto, para autores como Auerbach (1972), Silva Neto (1979) e Câmara Jr. (1985), a emergência do artigo definido está relacionada a questões de ordem linguística e social que ocorreram com a língua vulgar e a sociedade romanizada, não fazendo referência ao contato que o latim manteve com o grego.

O latim era uma língua flexional, mas no seu uso vulgar muito cedo ocorreu uma perda das terminações das palavras, sendo necessário se fazer uso de palavras auxiliares, como preposição, artigo e pronome, para se manter as relações sintático-semânticas. Assim, com o desaparecimento das desinências latinas, o sistema de conjugação ficou comprometido, favorecendo um rearranjo deste, de onde surge um outro sistema originalmente sintático e analítico (AUERBACH, 1972; CÂMARA JR., 1985). Já no século II a. C., encontra-se esse sistema em *de Deo Munus* (dáviva de Deus), em vez da construção clássica sintética *Dei Munus* com *Dei* no genitivo (CÂMARA JR., 1985, p. 24).

Algumas causas são apontadas para justificar essa transformação da estrutura linguística do latim vulgar (AUERBACH, 1972, p. 85-88):

a) quando o latim se difundiu e as novas populações começaram a fazer uso dele, estas sentiram um incômodo com o tão complicado sistema do latim, que possuía quatro séries de tipos de conjugação e cinco para a declinação, além de um grande número de particularidades e exceções. Com isso, o povo simplesmente se confundia e simplificava, provocando um enfraquecimento das flexões;

b) o fato também das desinências no latim vulgar terem uma posição articulatória débil (com sílabas átonas) facilitou o seu desaparecimento, fenômeno que já ocorria até mesmo no latim clássico; e

c) a tendência à concretização e mesmo à dramatização do fenômeno expresso pelas palavras por parte dos povos romanizados favoreceu as formas analíticas. Havia preferência por uma expressão analítica do tipo *ille homo* (o

homem), *illo homine* ou *ad illum hominem* (do homem, ao homem), e não, respectivamente, *homo*, *hominis* e *homini*, porque os sintagmas com o pronome *ille* apontavam de modo mais claro o indivíduo em questão. O latim clássico “visava menos à concretização dos fatos e atos particulares”, já “a língua do povo, ao contrário, tendia para a apresentação concreta de fenômenos particulares” (AUERBACH, 1972, p. 87). Daí, a necessidade de concretização através de novas formas linguísticas como o emprego dos pronomes *ego*, *tu*, *ille* e outros antes das pessoas do verbo.

De acordo com Auerbach, essa profunda transformação que ocorreu no uso do latim vulgar pelos povos romanizados resultou em muitas particularidades sintáticas nessa língua, como o emprego de perífrases no novo sistema analítico, entre outras.

Para Silva Neto (1979, p. 251) também, foi a mudança do sistema flexional do latim que levou ao surgimento do artigo definido. O pesquisador brasileiro faz a seguinte afirmação: “como acentua Meillet, se o indo-europeu não possuía artigo era por causa da autonomia de cada um dos termos da frase, mas à medida que se atrofiava a flexão o demonstrativo assumia o papel de artigo”. O autor ainda completa com a afirmação de que o artigo definido nasceu no latim devido ao desejo de expressividade e de clareza, provavelmente em função das muitas confusões entre casos latinos com desinências iguais, como também pela perda de desinências.

Câmara Jr. (1985, p. 23) discute essa transformação no sistema latino e afirma que “naturalmente a remodelação morfológica dos nomes está ligada a uma remodelação paralela dos padrões sintáticos, e uma nova tipologia frasal também pouco a pouco se estabeleceu”. Daí se conclui que essa tipologia frasal tem por base um sistema analítico com partículas conectivas emergindo para manter as relações sintático-semânticas que foram perdidas no sistema latino, justificando a emergência do artigo pelo desejo de clareza, como afirma Silva Neto.

Desse modo, com base nesses estudiosos, pode-se dizer que simplificações ocorridas na morfologia do latim vulgar em função da complicação do sistema latino, da debilidade das desinências finais átonas e da tendência à concretização do fenômeno expresso pelas palavras que emergiu no seio do povo romanizado, favoreceram mudanças radicais no sistema flexional dessa língua. Com isso, fortaleceu-se a mudança do aspecto sintético para o aspecto analítico. Essa transformação possibilitou a independência das palavras em relação ao latim clássico (sintético), favorecendo mudanças semânticas nos usos dos pronomes demonstrativos *ipse* e *ille*, que passaram a exercer a função das desinências perdidas – que era a de marcar a categoria gramatical de determinação e definitude.

Assim, surge um novo uso para esses pronomes sem a intenção de localização no espaço, mas de determinar um nome, satisfazendo a necessidade de especificação dos seres – de onde emerge o artigo definido, especificamente, do demonstrativo *ille*. Com o tempo, o sistema se define por formas diferentes para o

pronome demonstrativo (com as partículas de reforço)⁴ e para o artigo definido. Evidentemente essa possibilidade se deu em função do próprio gênio do latim vulgar e línguas românicas - línguas que se desenvolveram para um sistema linguístico que possibilitou a independência das palavras.

Considerações finais

Com todo o percurso histórico-linguístico tecido acima, espera-se ter contribuído para a compreensão de que uma língua natural é um sistema heterogêneo, estruturado e histórico. Como se vê, a ocorrência de transformações no sistema latino, particularmente com o demonstrativo *ille*, se deu em função de possibilidades sistêmicas e de condições sociais que favoreceram o surgimento de uma nova categoria linguística em tal língua, que viesse configurar a sincronia das línguas latinas (português, espanhol, francês, italiano). Desse modo, entende-se que a noção de variabilidade linguística deve ser considerada como fator fundamental no estudo e no ensino de língua, a fim de que se tenha melhor compreensão do objeto de estudo. Como afirma Faraco,

a mudança gera contínuas alterações da configuração estrutural das línguas sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquilo que costuma ser chamado de plenitude estrutural e potencial semiótico das línguas [...]. Em outras palavras, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados. (2005, p. 14).

Nesse sentido, é preciso entender também que as transformações ocorridas no sistema linguístico e na estrutura social favorecem a constante mutabilidade das línguas, não sendo esta resultado da falta de atenção do falante ou de seu desleixo no uso de seu idioma. As mudanças ocorridas no latim (por exemplo: *pauco* > pouco) e, posteriormente, também no português (por exemplo: *Vossa Mercê* > você), são resultado dessa mutabilidade constitutiva das línguas naturais.

Cabe a todos que lidam com o sistema linguístico, na pesquisa ou no ensino, compreender melhor como se dão os processos de variação e de mudança, bem como os fenômenos variáveis da língua portuguesa, a fim de promover um ensino de língua que favoreça o desempenho linguístico dos falantes, seja através dos discursos, seja através de materiais didáticos que respeitem o que é a verdadeira língua em uso por uma sociedade e a sua história sociolinguística.

⁴ *Eccum iste* (português arcaico *aqueste*), *eccum ipse* (português arcaico *aqueste*) e *eccum ille* (mantém-se no português *aquele*) (SILVA NETO, 1976, p. 211).

Referências

- AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CÂMARA JR, J. M. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- COUTINHO, I. L. Artigos. In: _____. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. p. 251-252.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 205-244.
- ELIA, S. Caracteres Gerais das Línguas Românicas. In: _____. *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. p. 156-254.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica*. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.
- IORDAN, I; MANOLIU, M. El artículo. In: _____. *Manual de Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1972. p. 243-256.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P; MALKIEL, Y. *Perspectives of Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 17-92.
- LAUSBERG, H. Pronombre. In: _____. *Linguística românica – Morfologia*. Madrid: Gredos, 1973. p. 151-238.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- MATTOS E SILVA, R. V. O nome e o sintagma nominal: morfologia e estrutura. In: _____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 13-35.
- MAURER JR., T. H. Pronomes e determinativos. In: _____. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959. p. 105-119.
- SAID ALI, M. Os vocábulos: espécies, formas e significação. In: _____. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965. p. 53-226.
- SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- TARALLO, F. *Tempos Linguísticos*. Itinerário histórico da Língua Portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W. P; MALKIEL, Y. *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Texas: Austin & London/University of Texas Press, 1968. p. 95-199.

Recebido em 31 de julho de 2011.

Aceito em 16 de dezembro de 2011.

MARIA DE LURDES NAZÁRIO

Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro do Núcleo de Estudos da História Linguística de Goiás (FL/UFG). Professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás (UEG – Itapuranga). E-mail: mlnazario@yahoo.com.br.